



Itinerários das Palavras

Gesiel Prado
(Org.)

FHO

FUNDAÇÃO HERMÍNIO OMETTO

ITINERÁRIOS DAS PALAVRAS

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem a autorização, por escrito, da Fundação e de seus autores. Todo o material utilizado neste livro foi produzido por terceiros no I Concurso Cultural.

Araras – SP

2025

ITINERÁRIOS DAS PALAVRAS

1ª edição

Gesiel Prado
(Org.)


FUNDAÇÃO HERMÍNIO OMETTO

© 2025 Fundação Hermínio Ometto – FHO
Todos os Direitos Reservados

www.fho.edu.br

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca “DUSE RÜEGGER OMETTO”
– FHO –

I892 Itinerários das palavras / Gesiel Prado, organizador; Centro de Desenvolvimento de Materiais Didáticos – CEMAD. – 1. ed. – Araras, SP: Fundação Hermínio Ometto-FHO/CEMAD, 2025.
73p. (765 Kb.) il. – *e-book*.

ISBN: 978-65-6014-145-2

1. Literatura brasileira contemporânea. I. Prado, Gesiel, org. II. Fundação Hermínio Ometto – FHO. III. Centro de Desenvolvimento de Materiais Didáticos – CEMAD. IV. Título.

CDD B869.45

Fundação Hermínio Ometto – FHO
Av. Dr. Maximiliano Baruto – 500
Jardim Universitário – 13607-339 – Araras – SP

Dona Duse Ometto — *In Memoriam*

Os sonhos não envelhecem.

Milton Nascimento, Marcio Borges, Lô Borges

Sumário

Apresentação

Poesia

Infarto agudo do meu coração

Antonio Francisco Peripato Filho

Coordenador e professor do curso de Enfermagem

Saudade da Biologia!

Diogenes Rafael de Camargo

Professor do curso de Biologia

A beleza de viver

Fabiana Moreira

Aluna do curso de Enfermagem

Rabiscos

John Adam

Aluno do curso de Administração

Incessante efêmero

Letícia Siqueira Parreiras

Aluna do curso de Farmácia

30/03

Gih Coutinho

Aluna do curso de Farmácia

Faculdade

Viktor G. Pereira

Aluno do curso de Engenharia Elétrica

Passos de medo

Yasmin Ferreira Santos Luz

Aluna do curso de Pedagogia

Conto**O perdão de cachorra**

Dawson Izola

Professor do curso de Engenharia Mecânica

Os invisíveis

Gisele Espitti Valeiro

Aluna do curso de Psicologia

A exaustão de Dona Cecília

Laiza Grazielly de Camargo França

Aluna do curso de Enfermagem

O Coveiro

Silas Miguel

Aluno formado do curso de Psicologia

A farsa

Sirlene Pinheiro Alves

Aluna do curso de Pedagogia

Crônica

A magia do café da esquina

Beatriz Francisco Conrado

Aluna do curso de Psicologia

Além da pressa

Felipe Correa Maciel Alves

Colaborador técnico-administrativo

Um louco e meio

Gabriela Moraes Liduário

Aluna do curso de Psicologia

Pequena apologia de nada

Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Professor do curso de Psicologia

Apresentação

É curioso como as emoções afloram quando criamos um espaço perfeito e acolhedor para abrigar as palavras e toda a carga de sensações que elas carregam. Foi assim que nasceu esta coletânea, que reúne um pouco daquilo que nossos alunos e alunas (de hoje e de ontem), colaboradores administrativos e docentes estampam nas palavras, ao compartilharem fragmentos de emoções entrelaçadas em textos que, ao serem tocados, simplesmente nos envolvem. São poesias, contos e crônicas em que os sentimentos brotam leves, flutuam e nos conduzem pelos encantos que cada autor e cada autora imprime em sua escrita.

A jornada da obra começa pelas bem traçadas linhas das poesias. Primeiro, encontramos a angústia de um coração que fala e pede socorro; em seguida, a saudade nas lembranças de um eterno aluno e biólogo; seguimos o seu curso pelas belezas que ficaram presas nos momentos de uma vida vivida; e logo vira rabiscos, desenhos e sensações; escorre ligeira, mais veloz que o efêmero; brota nas lágrimas de um abraço no fim de março; mistura-se aos sonhos que se juntam em conhecimento na faculdade; e se encerra nos passos apressados e medrosos de uma menina.

Nos contos, o(a) leitor(a) enfrentará o medo de pedir perdão, mesmo que seja a um animal, como uma cachorra; vivenciará o peso da solidão de seres quase invisíveis; se surpreenderá com a correria e o cansaço diário da Dona Cecília; acompanhará um pouco do diálogo profundo com o tempo vestido de coveiro; desconfiará e continuará sendo enganado — ou não — em meio a uma grande farsa montada.

Pelo roteiro das crônicas, você conhecerá a magia de um café de esquina; refletirá sobre a importância de celebrar cada instante, sem culpa e sem pressa; correrá feito louco contra o tempo que insiste em passar, até chegar seguro para sentir e vivenciar a saudade dos vazios, do nada.

Esta publicação foi possível graças à idealização da Coordenadoria de Comunidade e Extensão, ao envolvimento e à competência do professor Gesiel Prado, que, de maneira cuidadosa, divulgou e reuniu os textos que agora ganham forma e corpo neste livro.

Agradecemos e parabenizamos todos os autores e autoras que emprestaram seus talentos, enfeitando estas páginas com emoções e encantos.
Ótima leitura!

Prof. Mendes
Araras, São Paulo.
Inverno de 2025

Poesia

Infarto agudo do meu cárdio

Antonio Francisco Peripato Filho
Coordenador e professor do curso de Enfermagem

360 JOULES monofásico
Afastem-se...
Compressão, respiração
Façam o que puderem
Salvem este coração

Deem epinefrina
Atropina
Qualquer coisa me anima

Mas não deixem que ele pare
O corpo ainda resiste
É só o coração que desiste

Deem um soco precordial
Façam o não convencional
Se for preciso, abram o tórax!
Façam manual!

Mas reanimem este coração
Deem drogas, deem tubo

Deem tudo
Só não o façam
Viver em vão
Quero tanto uma revascularização...

Quero viver outros dias
Sinusais taquicardias
Façam um eletrocardiograma
Quero identificar meus dramas
Meus ritmos, meus complexos,
Tantos foram meus anexos

Me analisem
Monitorizem
Deixem ver a causa
Onde foi o deslize

Só não me deem um novo coração
Transplante, não!
Porque esse já sabe o que é viver
Ele já sabe o que é sofrer

Mesmo infartado
Meu coração é fadado
A viver outra emoção
Reanimem este coração

Compressão, respiração
Façam o que puder
Salvem este coração

Saudade da Biologia!

Diogenes Rafael de Camargo
Professor do curso de Biologia

Ai, que saudade do verde
Do mato
Enquanto morro
Montanhas, céus e mares
Saudade do cheiro da seiva
Do pragmatismo
Do preservacionismo
Da ingenuidade
Da bússola de mão que vai mudar o mundo.
Que saudade da tentativa de práxis
Sem saber quem foi Karl Marx
Que saudade da Biologia
Daqueles dias
Dos sorrisos, das mãos com calos
Das manhãs
De covas abertas e do positivismo ambiental
Saudade daquela inocência acadêmica
Saudade dos sonhos e das meias coloridas de outrora
Aurora...
Saudade da bebida, do violão, do vegetarianismo
Saudade de carpir o mato e sentir o cheiro
Saudade de plantar a muda
Da contemplação
Da manhãzinha ecológica e do café.
Saudade de “meter a mão na massa”
Saudade do aceiro, do formigueiro

Da Fenomenologia, que não sabíamos “qual seja”

Saudade do trabalho

Dos sorrisos e dos amigos

Saudade das pernas

Do Manguezal

Do Costão rochoso

Da Restinga

Alta

Baixa

Dossel

Do céu

Doce céu

Saudade do Léo

Leonardo Boff

Do Teatro do Absurdo

De Eugène Ionesco

E o que temos para hoje?

Que absurdo!

Hoje estou oprimido.

Como está mudado,

Como estou mudado!

Ai, que saudade do brilho nos olhos!

Do “Primeiro Ato”

Saudade do rato (que não matei! **Ainda bem!**)

Da escola do campo

Da Mata Atlântica

Da Fitoterapia

Saudade da coroa

Da parcela

Regar a muda

Tirar o carrapicho da roupa

Armadilha para enganar formigas-cortadeiras

Ai, que saudade das brincadeiras!

Saudade...

Das plântulas

Do merostomata, do baiacu e do celacanto

Do meu canto

E do canto dos pássaros

Sabiá-laranjeira

Saudade das néfilas e suas obras de arte

Sinto falta da lagarta-da-couve e do opilião

Na minha opinião

Analândia não tem mais

Tudo está acabado

Os calos, a mão já não tem

O verde agora é vermelho: sangue!

Aquele teredo ninguém mais sabe quem foi

Até dos mosquitos-pólvora da Ilha do Cardoso

Me recordo, saudoso

E hoje, que não sobraram marcas?

E tudo o que sei dizer é:

“Segundo fulano de tal...”

Roubaram as lentes dos meus óculos... Perdi meus óculos.

Na perspectiva de quem?

Crítico? Filosófico?

Quem dera...

Quem dera fosse verde!

Hoje

Materialista demais.

Ai, que saudade das madrugadas em claro

Sonhando com Rio Claro...

Saudade do rio escuro, das brumas no rio eutrofizado

De manhãzinha
Feliz pelo dia que viria
Verde novamente (ver-te novamente, sentir...)
Com paixão platônica e tudo
Amarílis, Acácia, Cattleya, Eugêna e maria-sem-vergonha...
Onde estão os animais taxidermizados?
Os vaga-lumes do arboreto...
Fumando um cigarro e ouvindo as cigarras...
Onde estão aqueles meninos pragmatas?
Ai, que saudade do cheiro do formol!
Quem dera trilhar aquele caminho novamente
Pisotear o barro e rachar a pele ao sol.
Ai, como eu odeio ar-condicionado!
Cadê as cores do verde?
Cadê o cheiro de mato?
Cadê meu sapato?
Preciso desatar o nó da gravata,
Que me sufoca!
Tenho um nó na garganta!

A beleza de viver

Fabiana Moreira
Aluna do curso de Enfermagem

O primeiro suspiro,
o primeiro choro e sorriso.
Lágrimas de alegria
por viver numa Terra tão bela,
cheia de magia.

Cada ser é um viajante.
Traz na bagagem sonhos,
esperanças e instantes.
Cada dia, uma melodia.
Umas gritantes,
outras cheias de harmonia.

Alguns momentos são felizes,
porém outros, tristes.
Os desafios são constantes,
mas a fé é abundante.

A jornada vale a pena.
Cada segundo, cada momento, cada sorriso.
E a beleza de tudo isso
é a jornada compartilhada
com pessoas amadas.

O suspiro acabará.

O viajante passará.

A melodia deixará de tocar.

Mas as lembranças e a beleza de viver ficará.

Rabiscos

Johm Adam
Aluno do curso de Administração

Te rabisquei
Rabisquei linhas
E deram sorrisos
Tracei os sorrisos
E deram mais linhas pra construir algo novo
Rabisquei algo que parecia novo
Mas que vinha carregado de sensação.

Me encontro rabiscado também
Com traços robustos
Partindo de você
É como se tivesse rabiscado algo no meu estômago
Numa temperatura abaixo de zero
E depois acendido uma fogueira
No pilar do meu peito.
E ali, no calor e no frio,
Fui sendo desenhado por você.

Incessante efêmero

Leticia Siqueira Parreiras
Aluna do curso de Farmácia

Às vezes, eu paro e penso.
Penso porque quero, preciso.
Me pego correndo, ele me persegue
Feito sombra, eu sei seu nome.
Não o quero, anseio pelo Agora.

Meu desejo mais veemente me escapa
Pelos vãos dos dedos, escorrendo
Feito água — não, feito sangue. Pegajoso.
Quente, ele me marca. Queria desfrutá-lo,
Vivê-lo.

Não consigo, meu presente não existe.
Vivo viajando, antes, depois, depois disso.
Mas nunca no presente, jamais.
Não conheço sua feição, seu cheiro,
A alegria de tê-lo.

Estou caçando, em desespero, o momento.
Bem ali, o sinto.
Não o vejo, mãos me cobrem os olhos
Mas está ali, o Agora.

Ali não, aqui. Sempre aqui.
Ele é lindo, deslumbrante.
É triste, tenebroso, dolorido até.
Mas é vivo, real, e eu o quero, preciso.

Tateio no escuro, garras e dentes.
Não resta mão alguma para me tapar os olhos:
As minhas encontraram novo alvo.
Agarro seus ombros, o viro. E choro.

Compreendo, finalmente: ele me encontrou.
O Futuro. Perdi a corrida.
Jamais tive chances, nenhuma.
Ele está tão, tão cheio — não de respostas

Mas de angústia, arrependimento, medo.
Sem triunfo, vidrado pelo cansaço
De risos não vividos, ouço ecos,
Suspiros, tantos.

Lhe faltam peças, e eu as tenho.
Tinha. Mastiguei e cuspi fora, sem sabor.
Soprei ao vento.

Não me resta mais nenhum Agora.
Não posso preenchê-lo, ficará vazio.
Oco.

30/03

Gih Coutinho
Aluna do curso de Farmácia

Enlaço-me a ti no que acreditamos
Ser nosso último abraço.
Despeço-me, a sorrir, pois sei que
Estarás sempre ao meu lado.

Promessas que desafogam
A angústia em minha alma.
Ações que comprovam seu amor
E me transmitem sua calma.

Vertendo o pesado choro pela frente,
Sinto sua pele na minha relar.
Entre os abismos, fez-se uma ponte
Daquelas que não se pode quebrar.

A sinestesia da saudade...
Algo difícil de explicar.
Só quem a entende somos nós, amor.
Nossos olhares tornam a brilhar

Ajoelhado em minha frente,
Mesmo num dia tão comum
Fez de você o meu mundo inteiro,
E nos fizeste como um.

Agora sei que não há razão
Pela qual deva me preocupar,
Pois sei que é um “até logo”
Em breve hás de retornar.

Faculdade

Viktor G. Pereira

Aluno do curso de Engenharia Elétrica

Cá estou, mais uma noite neste lugar.
Gente por todos os lados, pressa no ar.
Faculdade, lugar do sagrado conhecimento:
Para muitos, alegria; para outros, grande tormento.

Bem sei que aqui muito eu aprendo
Mas as enormes dificuldades alheias compreendo.
Grato sou a todos os mestres que por mim passaram
Por todos os seus ensinamentos que em mim aportaram.

As pessoas sonhadoras aqui surgem e se vão
Mas pela eternidade suas memórias ecoarão.
Cada um de nós é um universo em expansão.
Todos são únicos e capazes de realizar sua missão.

O aprender é a maior arma contra a ignorância
É capaz de findar com toda e qualquer arrogância.
A humildade é a chave que antecede a sabedoria
E a troca de conhecimentos, o segredo para a melhoria.

Passos de medo

Yasmin Ferreira Santos Luz
Aluna do curso de Pedagogia

São só alguns passos, eu consigo.
Só mais um, estou quase lá.

Mas então...

“Ei, gatinha!” “Psiu, vem cá!”

O coração dispara, a respiração falha.
Não estaciona, por favor, segue em frente.

Mas ele parou. E agora? O que fazer?
O medo aperta o peito, me envolve sem permissão.

E se nem for comigo? Se for só ilusão?
Mas se for real? Se for agora?
Não demonstra medo, não fraqueja.
Aperta o passo, busca abrigo, ninguém atende...

Ele sumiu, mas o medo não.
Fica preso no corpo, se repete na mente.
O tremor cresce, as lágrimas caem,
O peito aperta, a crise chega.

Na rua, sozinha, sem refúgio,
Tento esconder, mas tudo piora.
O pânico sufoca, e se outro aparecer?
E se eu não conseguir agir?

Me sinto fraca por chorar,
Por não responder um simples “boa tarde”.
Mas e se um dia sair do controle?
E se o fim vier sem aviso?

“Por favor, não me deixe ir sozinha!”
Imploro sempre num sussurro aflito.
Mas a resposta vem, cortante e fria:

“Deixe de ser medrosa, menina.”

Conto

O perdão de cachorra

Dawson Izola

Professor do curso de Engenharia Mecânica

José Joaquim Santos Silva era morador de um pequeno vilarejo no interior de Minas Gerais. Essa vila, com menos de mil habitantes, era composta basicamente por sítiantes que viviam do cultivo de hortaliças, de modo que havia uma pequena concentração de casas ao redor da capela, e o restante eram moradores de sítios e pequenas propriedades. Em uma dessas pequenas propriedades morava Jão das Abóboras, pai de José Joaquim. Desde pequeno, José Joaquim era chamado de Quinca, que vem de Quinzinho, que por sua vez deriva de Joaquinzinho, ele era o Quinca do seu Jão das Abóboras.

Com dez anos completos, o irmão mais velho de Quinca, o Ziza, teve o seu primeiro filho. Esse garotinho de nome complicado, Dezêncio Silva, ficou muito próximo do Quinca. Quando aprendeu a falar, uma das primeiras palavras foi o nome do tio: juntou os dois, tio e Quinca, ficando Tiquinca. O tempo passou, ele foi crescendo e sempre se referia ao seu tio Quinca como Tiquinca. Não se sabe ao certo quando houve a virada de Quinca para Tiquinca, mas o vilarejo de Barba do Bode inteirinho passou a chamar o Quinca de Tiquinca do seu Jão das Abóboras. Se apertassem, diziam que era o antigo Quinca do seu Jão das Abóboras. Pois bem, Tiquinca era muito querido no vilarejo, muito prestativo e sempre com palavras de incentivo, daquelas frases prontas que, algumas vezes, ele procurava exemplificar.

Caso típico de uma dessas frases que o Tiquinca quis exemplificar é a famosa “Cavalo dado não se olha os dentes”. Mostrava o seu cavalo, já velhinho, com os dentes ruinzinhos, e bradava:

— Ganhei do Ziza e não olhei os dentes!

O povo simples ria, um pouco sem graça, e concordava com o Tiquinca. Pois o cavalo, mesmo velhinho, servia para tocar o picador de argila e puxar lenha para sua pequena olaria. A alusão correspondia minimamente. Fábrica de tijolinhos de argila que atende à demanda de Barba do Bode e adjacências, mas, na redondeza, precisa-se retirar os tijolos, pois o Coquinho — o cavalo dado por

Ziza — não tem como puxar carroça por muito tempo. Ele cansa rápido, e Tiquinca não gosta de maltratar animais.

Desta feita, na casa de Dezêncio, já homem feito, casado e com filhos, Tiquinca reuniu o sobrinho, os filhos dele e a esposa, e disse que teria um exemplo para dar.

Dezêncio era aquele tipo metido a forte: treinava de modo espartano, carregando pedras e virando troncos de árvores. Era forte, mas achava que era mais forte ainda. Mantinha o peito sempre estufado, tipo galo, e as pernas eram tipo de sabiá-laranjeira. Tinha aquela aura de lutador marrento, mas todos conheciam a história de que ele desmaiou quando o Tiquinho, o *poodle* do Chão de Garagem (esse apelido era por conta da vaselina que ele passava no cabelo), correu atrás dele. Ou seja, a marra era só tipo.

Quando todos se reuniram no quintal, Tiquinca postou uma cadeira no meio do terreiro, de frente para a família. Sentou-se calmamente, olhou para as pessoas que estavam de frente pra ele, a família um pouco constrangida com a situação. Mas Tiquinca estava concentrado, não se abalou com os olhares abstraídos da família. Sentado na cadeira, retirou de um embornal, que levava a tiracolo, um pedaço de carne fresca. Com a carne na mão, fechou o embornal, colocou-o de lado novamente e chamou a cachorra do Dezêncio, a Pomba Gira, uma *dobermann* que cresceu além da conta. Comia o equivalente a dois cachorros grandes, cerca de dois sacos de sessenta quilos por mês de fubá e arroz três quartos, misturados com fissura que Dezêncio ganhava do açougue do seu Cutelado, o dono do estabelecimento. O cocô da Pomba Gira parecia mentira, mas era retirado semanalmente com um carrinho de mão, daqueles de pedreiro.

A cachorra estava deitada na frente da sua casinha, tirando um cochilo, dentro do canil fechado. Quando a cachorra gigante ouviu seu nome, olhou por cima da mureta do canil e, de longe, sentiu o cheiro da carne. Em um golpe só, pulou a mureta do canil e saiu em disparada, levantando poeira no chão de terra. Quando chegou na frente do Tiquinca, freou, derrapando no chão com as quatro patas. Parou, babando, esperando a carne, pois ela tinha certeza de que não a chamariam com um pedaço de carne na mão se não fosse para ela.

A cachorra parou a uns trinta centímetros do Tiquinca sentado na cadeira, os dois estavam praticamente à mesma altura. Naquele instante, tudo

ficou meio parado, as pessoas que assistiam esperavam a cachorra receber a carne e, dali, sair mais uma frase do Tiquinca.

A cachorra, esperando e olhando fixamente para a mão com a carne, viu quando Tiquinca, calmamente, com a outra mão, desferiu um violento tapa na sua cara. Imediatamente, a Pomba Gira, que nem se balançou com o tapa, abocanhou a mão do Tiquinca que segurava a carne e balançou a cabeça naquele movimento típico de cachorro que quer quebrar a coluna da presa: balança para um lado e para o outro, com movimentos violentos. Nisso, arrancou a carne e quase levou o dedinho da mão esquerda do Tiquinca, que ficou pendurado na pele. A cachorra saiu calma, andando, voltou em direção ao canil, pulou a mureta e deitou-se novamente em frente à sua casinha, como estava antes. A carne ela comeu na abocanhada. Nesse pedacinho de tempo, todo mundo estava estático, olhando a cena. Só Dezêncio correu em direção ao Tiquinca, retirou a camisa branca e a enrolou na mão do tio. Saíram em disparada para o posto médico, que fica na esquina da rua do Dezêncio, a rua 2, uma das quatro ruas de Barba do Bode. Chegando lá, já entraram direto. A recepcionista, dona Tancinha do Abrão, empalideceu quando viu o sangue que pingava da camisa que o Tiquinca enrolara na mão, e correu para avisar o doutor. Entraram e foram direto para a maca, onde Tiquinca permaneceu deitado esperando o doutor Breno, filho da Sônia, que estudou na capital e voltou para Barba do Bode “para dar a sua contribuição”, palavras dele mesmo. Estava em casa, onde cumpria os plantões, pois morava nos fundos do posto médico.

Rapidamente o médico chegou.

Enquanto o Breno consertava a mão do Tiquinca, conversando com ele, quis saber como o cachorro havia atacado sua mão, se ele conhecia o animal, se estava vacinado e se o cachorro também estava.

— Não, senhor, nem eu nem o cachorro estamos vacinados, pelo que eu sei. É o cachorro do Dezêncio. E não foi o cachorro que me atacou.

— Como assim, a Pomba Gira?

— Isso. Eu dei um tapa na cara da cachorra...

— Mas por quê? Para se defender? Não teve medo não? Aqui todo mundo teme essa cachorra.

— Não. Foi para dar uma lição ao meu povo.

— Qual lição, posso saber?

— O doutor conhece aquela história: “O perdão da cachorra”? Que, se você der um tapa na cara do seu cachorro e mandar ele embora, ele vai; e, se você chamar, ele volta; e você pode dar outro tapa e mandar ele embora, que ele volta de novo. Conhece essa história? Queria fazer essa demonstração de perdão e lealdade, mas a cachorra estava com fome e mordeu a carne que estava na minha mão. Vou repetir sem a carne.

— O senhor tá doido. Se repetir sem a carne, capaz dela comer a sua mão. Quase arrancou seu dedo com uma única mordida. Na ida e na vinda, vai dar mais de quarenta pontos na mão, e você ainda quer assunto com a Pomba Gira?

— Há de se pensar, né, doutor? Talvez tentar com o *poodle* do Chão de Garagem...

Os invisíveis

Gisele Espitti Valeiro
Aluna do curso de Psicologia

Solto a fumaça dentre meus lábios, preguiçosamente, e a observo até se evanescer em minha visão. Jogo a bituca no cinzeiro e a substituo pelo vinho, começando a bebericar. Esta é a vantagem de morar sozinha no quarto andar de um apartamento de classe média e ser uma viúva aposentada: ninguém se importa se você está fumando às seis horas da manhã ou bebendo vinho tinto em um copo de uísque, desde que isso não atrapalhe suas vidas.

Claramente, a imagem tranquila e novelesca narrada não é tão duradoura quanto a minha escrita a faz parecer. Meu apartamento é em frente à praia, de modo que não demorará para os carros aparecerem, os vendedores ambulantes começarem a gritar e as mães segurarem os filhos para impedi-los de correr direto ao mar. Mas também posso fingir que eles não existem, continuar em minha melancolia particular dentro das quatro paredes bege, não é? Isso se eu quisesse. Hoje, opto por sentar na varanda fresca e continuar observando. Quando se é velha — sim, daquelas de cabelos grisalhos e curtos, com as articulações limitadas pela idade e das quais se espera habilidade em tricô —, tem-se de achar sua própria diversão diariamente, porque ninguém o fará por você aos primeiros sinais de rugas e de disposição reduzida.

Não tenho netos dos quais cuidar enquanto os pais trabalham, sequer filhos para que o façam. Éramos apenas meu marido e eu, sendo ele um homem bom, cujos defeitos eu não julgava, pois não me considerava nesse direito. Se alguém lhes disser que se aproximam da perfeição, não considerem isso um elogio. O ser humano é constituído de atos bons e pecados concomitantes — a prevalência e a circunstância das escolhas são o que criam sua imagem —, e não preciso de religião alguma para essa minha crença. Posso ir além, defendendo que a qualidade está em admiti-los. Ser humano é ser desejoso e vivo, e não se pode sê-lo perfeitamente.

Uma buzina na rua abaixo me acorda do devaneio filosófico. A praia está sendo tomada por pessoas, o mar brilha sob a luz do sol e as ofertas gritadas

pelos comerciantes conflitam com a música dos turistas. Avisto uma mulher bonita, de biquíni rosa, cabelos castanhos e bolsa de grife, seu marido segurando o bebê no colo e a mão do outro filho. A jovem nitidamente fez plásticas corporais — e talvez eu também as tivesse feito em meu tempo, se pudesse —, mas isso não alterará seu futuro, querida. Quando estiver como eu, com as pernas flácidas que exigem vestidos de comprimento mínimo no joelho, boca fina e seca e mãos enrugadas, isso já se mostrará suficiente para seus filhos a considerarem inapta a tomar suas próprias decisões — e não a consultarão mais. Toda a personalidade, a história e as opiniões terão sido aparentemente expulsas pelo corpo envelhecido. Isso, às vezes, me faz encarar a solidão como sinônimo de liberdade.

Um senhor se aproxima do casal, recolhendo as latinhas de cerveja do chão. Não é velho, mas também não é jovem. Da cabeça aos pés, a pele é castigada pela exposição ao sol; o suor desliza em seus ombros e tudo que lhe protege é a singela sombra do boné verde. É pai de família? Seria este seu único sustento e garantia do pão matutino? Quantas outras histórias podem estar marcadas em suas mãos maltratadas? Novamente, ninguém se importa — mas deveriam. Posso ser uma velha amarga e antipática, mas não sou hipócrita. Minha visão não se resume à diversão do mar e da areia fina. O que vejo à minha frente é o quadro da invisibilidade. O homem é invisível, a desigualdade é invisibilizada, e todos são cegos ao inconveniente.

Alguém, um dia, disse que a ignorância é uma bênção. Entendo sua fundamentação, porque o conhecimento dói, e a sociedade é fraca para a dor. Mas optar pela ignorância é negar medicação ao enfermo e sacrificar sua possibilidade de melhora. Quanto às vítimas, sequer podem escolher, pois fantasmas não têm voz.

Eu poderia gritar como uma velha enlouquecida e chutar jovens alheios de seus assentos, mas não resolveria o paradoxo.

Continuo me balançando na cadeira, calada.

Talvez este seja o significado de envelhecer: sair da ignorância na qual crescemos, da sociedade robotizada. Dizem os estudiosos que a geração atual está progredindo, alcançando novas habilidades com as possibilidades

tecnológicas. Espero que eles estejam certos; espero que usem o conhecimento para curar a ferida, não para maquiá-la ou maquiná-la.

Observo o senhor. Não o conheço — nenhum deles —, apenas supus, mas imito o sinal da cruz ensinado por meu *nonno*, para que, caso exista um Deus, e de onde estiver, abençoe os que precisam. Depois, viro o resto do vinho na boca e me levanto. Não tenho mais idade para salvar o mundo, não posso fazer isso sozinha, apenas com meus ossos enfraquecidos. Deixo esse papel para a próxima geração corajosa que se atrever a vir.

Por ora, despeço-me da varanda e da praia. Irei apenas calçar as sandálias, sair e, caso alguém me pergunte, direi o que sei sobre a vida. Caso contrário, irei apenas jogar cartas com meus amigos no boteco da esquina.

Ou assume-se a vida ou a deixa assumir-te — até que te tornes um fantasma.

A exaustão de Dona Cecília

Laiza Grazielly de Camargo França
Aluna do curso de Enfermagem

Imagine Dona Cecília, viúva, no auge de seus quarenta anos, com três filhos e uma mãe já caducando. Trabalha em dois empregos para “dar conta das contas” e fica duas horas no metrô só para chegar em casa e encontrar a bagunça de sempre. As crianças gritando. A televisão ligada em um programa qualquer. O cachorro latindo para o nada. Sua mãe na mesma constante há semanas:

— Quero café!... Quero café!... Quero café!...

Um dia, Dona Cecília chega. E lá está: as crianças correndo e gritando, a televisão no volume máximo, o cachorro latindo em direção à janela, a chaleira apitando. E a mãe:

— Quero café!... Quero café!... Quero café!...

O peito apertado. A cabeça latejando. As vozes, os gritos, o barulho — tudo se misturava em um zunido ensurdecedor. A chaleira apitava como se zombasse dela. O cachorro, a televisão, a mãe, as crianças... tudo rodava em sua mente como um furacão. Até que...

— CHEEEEEEGAAAA!!!

Um silêncio (quase absoluto, se não fosse pela televisão e pela chaleira) tomou conta da casa.

— EU ESTOU CANSADA! Não aguento mais isso! Vocês estão me deixando... MALUCA! — disse entre lágrimas e soluços. — Todos os dias é a mesma coisa. Nunca tenho tempo para mim. Ninguém me ajuda em nada. Já estou FARTA! Por favor, eu imploro... só preciso de silêncio, apenas isso! Por favor!

Todos a olharam com espanto e piedade. Ninguém ousou respirar naquele momento.

Dona Cecília sentiu o alívio abraçando-a: o começo de uma mudança. Tudo seria diferente. A esperança invadiu seus pensamentos, e ela fechou os olhos para apreciar a sensação. Talvez, finalmente, tudo melhorasse. Então, uma pausa. Um silêncio. Um respiro. E...

— QUERO CAFÉ!

Dona Cecília abriu os olhos devagar. A chaleira ainda apitava. A televisão ainda berrava. O cachorro voltava a latir para o nada. Sua mãe a olhava, serena, como se nada tivesse acontecido.

E Cecília apenas riu. Riu até sentir as lágrimas voltarem. Riu porque sabia: nada mudaria.

O Coveiro

Silas Miguel

Aluno formado do curso de Psicologia

Tom observava enquanto centenas de pessoas entravam e saíam da sala. Pareciam sempre apressadas demais para parar e prestar atenção. Tom julgou ser uma falta de respeito. Não estavam em um *shopping center* para olhar vitrines e passar rapidamente por elas. Estavam em um local para prestar homenagens, um ritual de despedida. Tratava-se do ato de dar adeus a alguém e, mesmo assim, elas chegavam, olhavam e saíam. Sem choro, sem desespero, sem tristeza. Tom ficou incomodado com tamanha frieza. Até nisso os tempos modernos tiveram influência: até mesmo o ritual de velar um corpo se tornou tão rápido quanto olhar para uma tela de celular e passar vídeos com as pontas dos dedos.

“Pessoas vazias”, pensou Tom. “Maldita geração!”

Não levou muito tempo para que o local ficasse vazio. Somente Tom e o corpo inerte deitado no caixão de madeira cuidadosamente trabalhado. “Um caixão caro”, pensou ele. Sentiu-se no dever de velar o falecido de forma digna, a seu modo de ver. Encarou a figura sem vida dentro do ataúde. Marcas de uma longa vida estampadas suavemente no rosto. Mãos cruzadas que denotavam os sinais do tempo naquele corpo. Roupas finas: um terno executivo de corte italiano *slim* azul-marinho. Cabelo e barba cuidadosamente arrumados para o ritual de despedida. Notadamente, alguém da alta sociedade. Não uma pessoa simples, muitas vezes anônima em meio à multidão, mas alguém de classe, certamente, considerou Tom. Uma pessoa comum da sociedade, de classe social mais baixa e serviços de base, chão de fábrica, serviços gerais, jamais teria condições de ser enterrada daquela forma. Seria quase como se um plebeu do antigo Egito fosse sepultado em um sarcófago com honrarias dignas de um faraó. “Nada disso. Este aqui foi um grande homem!”

Tom pensou sobre a importância daquele homem para a sociedade. O que ele fez de grandioso? O que realizou que marcasse multidões? Como alcançou o *status* que possuía a ponto de ser sepultado naquele cemitério, velado naquela

sala, naquelas condições? E, no entanto, todo o dinheiro, poder e luxo agora refletiam em uma grande sala vazia, na qual as pessoas vieram e apressadamente foram embora. Tom olhou à sua volta. Um grande salão ornamentado com colunas ao estilo greco-romano, enormes candelabros e poltronas macias que acomodariam, facilmente, quinhentas pessoas sentadas, fora outros tantos que poderiam ficar de pé. Uma espécie de altar ritualístico fúnebre, sem figuras religiosas aparentes, a não ser por uma discreta cruz de madeira atrás do púlpito. Um salão digno para uma despedida de, no mínimo, um governador ou algum tipo de ministro, pessoas dessa importância. E estava vazio.

Enquanto contemplava o grande salão, notou que as luzes foram acesas. A noite havia chegado, e ele sequer se dera conta disso. O salão noturno era tão suntuoso quanto durante o dia. “Digno de um aristocrata”, pensou Tom. Quando seu olhar voltou-se para o caixão, no entanto, seu deslumbre se desfez quase imediatamente. Uma estranheza tomou conta de suas feições. Algo havia mudado. Com certeza não era o que Tom esperava, especialmente para o tempo em que estivera ali.

A madeira lustrosa do pesado caixão, ornamentado com detalhes suaves e deslumbrantes, havia mudado. O modelo talvez fosse o mesmo, mas Tom teve a impressão de que alguém o trocara por um caixão envelhecido. Havia lascas em toda a sua volta, ranhuras e rachaduras. O brilho da madeira fora substituído por uma cor mais escura e sem brilho. Para o horror de Tom, o conteúdo do baú também havia mudado. Seu olhar logo se transformou de confusão para completo horror ao perceber que havia marcas impossíveis de passarem despercebidas durante a primeira observação.

A pele estava completamente ressecada e enrugada. Não somente isso, mas sua coloração adquirira um tom verde-acinzentado. As rugas que cobriam o rosto agora haviam se aprofundado; as maçãs do rosto haviam murchado; e a boca, antes fechada, agora estava entreaberta, ressecada, com rachaduras profundas nos lábios. Lá dentro, os dentes adquiriram um tom amarelado com uma rapidez absurda.

Tom deu um salto para trás no mesmo instante em que percebeu a figura grotesca diante de si. Ofegante, correu para chamar alguém. O cemitério noturno não aparentava ser um local tão ruim assim. Na verdade, parecia até

agradável — esse pensamento passou pela mente de Tom. Logo chegou no prédio da administração, onde havia duas mulheres na recepção. Estava ofegante com o que acabara de presenciar e tentou explicar a elas o que vira.

— Não sei o que está acontecendo, mas precisamos fazer alguma coisa! — dizia ele, gesticulando com as mãos, impaciente.

As mulheres se entreolharam.

— Mas o que podemos fazer, senhor? — respondeu uma delas.

Tom a encarou, incrédulo.

— Moça, chame alguém que tenha autoridade para fazer algo. Este homem precisa ser enterrado — disse ele, lutando para manter o controle e não ser terrivelmente estúpido.

— Por que tanta preocupação com ele? — retrucou a outra.

Tom ficou mudo. Era inacreditável o que estava ouvindo.

— Porque ele é um ser humano, maldição! — vociferou. — Precisamos enterrá-lo! Aquele homem está se decompondo!

— Meu senhor, esse é um processo natural da vida, não vejo razão para o seu comportamento hostil — respondeu a primeira mulher.

Tom ficou sem resposta. Era tamanho absurdo o que ouvia que nem mesmo seu cérebro era capaz de reagir como deveria.

— Chame o gerente! — exigiu Tom.

— Não acho que seja motivo para tanto. Veja, já está tarde. Podemos resolver isso facilmente pela manhã — argumentou a segunda mulher.

— Eu não me importo com o que você acha! — vociferou ele. — Eu quero ver o gerente AGORA!

As mulheres se entreolharam novamente e, antes que pudessem fazer algum movimento para chamá-lo, o gerente atravessou uma porta ao lado da recepção.

— Algum problema? — perguntou o gerente do cemitério. — Ouvi vozes alteradas.

Sim! — respondeu Tom. — Há um homem no grande salão que está se decompondo, e essas duas mulheres não querem fazer nada para impedir isso.

— Impedir uma decomposição? — riu a primeira mulher, enquanto a segunda concordava com tamanho absurdo.

— Dá pra acreditar? — gargalhou a segunda, tentando abafar o riso.

— VOCÊS ENTENDERAM MUITO BEM O QUE EU QUIS DIZER! — gritou Tom.

Ok — disse o gerente pacientemente. — Vamos até o salão, eu quero vê-lo.

Tom conduziu o gerente até o salão. Ao chegarem no recinto, a situação já havia mudado. O caixão estava ainda mais envelhecido, porém, ainda inteiro. O corpo inerte apresentava marcas mais severas de decomposição. As pálpebras, fundas, como se já não houvesse mais os globos oculares. A pele, escura, bolhas estouradas de cima a baixo, e um líquido viscoso cobria a região das terríveis feridas. O terno executivo italiano, ao corte *slim*, estava em farrapos, e havia, para o completo horror de Tom, seres rastejantes por todas as extremidades. O cheiro forte impregnava cada canto daquele lugar. Ele vomitou no chão e apontou para o caixão.

— Está vendo aquilo? — disse Tom, encurvado. — É nojento e desumano. Ele precisa ser sepultado imediatamente.

O gerente, no entanto, permaneceu intrépido, inalterado.

— Eu vejo um corpo morto, senhor! — disse o gerente. — E corpos mortos, neste lugar, é o que mais tem. No entanto, se isso causa ao senhor tamanha estranheza, ainda que seja parte natural da vida, por mais difícil que seja de aceitar, a mim não resta muito o que fazer, a não ser que você queira conversar com o Coveiro. Tom encarou o gerente. Limpou um filete que escorria de seus lábios e balançou a cabeça negativamente.

— Vocês têm um coveiro e deixam este tipo de atrocidade acontecer a céu aberto? A polícia deveria fechar este lugar! — Tom alterou seu timbre de voz.

— Quer conversar com o Coveiro, sim ou não? — questionou novamente o gerente do cemitério, sem sequer hesitar diante da ameaça de Tom.

— Leve-me até ele — exaltou-se Tom. — Nem que eu o arraste até aqui, mas farei com que ele enterre este homem. E depois eu volto para colocar você e seus funcionários incompetentes e risonhos atrás das grades.

O gerente revirou os olhos e saiu andando. Tom o seguiu, e deixaram o homem morto que, a esta altura, já estava tão seco que a pele, debaixo dos trapos que o envolviam, não passava de uma camada fina, semelhante a uma folha de papel, quase transparente, evidenciando todos os ossos. Saíram da área dos

velórios, da administração, e foram em direção a um imenso jardim. Por onde passavam, Tom reparava na vegetação bem cuidada que crescia naquele lugar e, entre aquela majestosa vegetação, túmulos começavam a surgir. Uns mais simples, outros mais bem trabalhados, mas todos se mesclando à bela paisagem proporcionada por diversas flores, árvores frondosas e bem cuidadas. Apesar de ser um local lúgubre, funesto, Tom não parecia sentir qualquer tipo de agouro caminhando por ali, pelo contrário, sentia-se estranhamente confortável.

Logo se aproximaram de um homem com roupas simples, chapéu e ferramentas de jardinagem. Ele estava de costas para os dois homens quando chegaram, plantando uma bela muda de lírios-do-fogo, uma rara flor laranja encontrada na África e na Ásia e que, a partir de agora, adornaria a paisagem do cemitério.

— Thomas, este é o Coveiro — disse o gerente.

— Coveiro? — respondeu Tom. — Pensei que fosse um mero jardineiro.

Sabe — disse o Coveiro, virando-se para os dois homens —, em teoria, colocar plantas dentro da terra não é muito diferente do que faço com as pessoas. A diferença é que uma está no começo da vida e a outra, não. As pessoas eventualmente se tornam pó e voltam para a terra, servindo como um importante nutriente para fortalecer a vida contida na vegetação. Um ecossistema perfeito, em que até mesmo no fim nada é desperdiçado e deixa tudo, como você pode ver, tão bonito. Tudo se transforma, Tom. Tudo é importante, até mesmo quando acaba.

— Vou deixá-los conversar — disse o gerente, e retirou-se.

Tom, por sua vez, não esperava por aquela comparação. Sequer havia feito algum tipo de relação entre os dois elementos que o Coveiro apresentou.

— Vejo que está ocupado — disse Tom.

— Não tão ocupado para não notar o que mereça minha atenção — respondeu o Coveiro.

— Há um corpo lá em cima, se decompondo — disse Tom.

— E você espera que eu o enterre — respondeu o Coveiro. — Ou você irá me arrastar até lá e garantir que o homem seja enterrado.

Tom congelou. De fato, foi o que ele disse, mas o homem não pareceu soltar aquilo como uma provocação, e sim como um pensamento ou uma suposição. No entanto, deixou Tom desconcertado e, a certo ponto, intimidado.

— Bom, eu... — Tom balbuciou.

— Eu conheço minhas responsabilidades, Tom — disse o Coveiro, voltando à sua jardinagem. — Não há necessidade de que me digam o que fazer.

— Então, por que o deixou lá, daquele jeito? — questionou Tom. Mas não havia mais fúria em sua voz. Estranhamente, o Coveiro lhe trazia uma sensação de segurança e paz.

— E isso importa para ele, agora, Tom? — perguntou o Coveiro. — O homem já está morto, igual à grande maioria aqui. As coisas com as quais ele precisava se importar ficaram para trás, em uma vida longa e bem-sucedida.

— Mas eu me importo com ele — respondeu Tom.

— Se importa? Como se importou em ver as apresentações dos seus filhos na escola no Dia dos Pais? Como os diversos eventos de família que perdeu por conta do trabalho em excesso?

— O quê? — Tom estava perplexo. — Que merda você está dizendo? Você sequer me conhece pra falar qualquer coisa a meu respeito. E aquele homem precisa ser enterrado.

— E será, Tom, sem que você precise dizer ou fazer qualquer coisa para isso — garantiu o Coveiro. — Mas obrigado pelo cuidado. No entanto, ainda devo acrescentar que sua preocupação é desnecessária.

— Desnecessária? — rebateu Tom. — Este homem precisa de um sepultamento digno.

— O que seria um sepultamento digno para você, Tom? — questionou o Coveiro, enquanto abria mais buracos e colocava suas plantas.

— Ora... sepultado ao lado de pessoas queridas, para se decompor debaixo da terra, fora da vista das pessoas... rodeado de familiares e amigos durante o sepultamento, honrarias e discursos sobre seus feitos, sobre sua vida, suas obras, seu legado... — refletia Tom.

— Hum — resmungou o Coveiro. — Então, se uma pessoa não é sepultada dessa forma, ao lado de pessoas queridas, sem família, amigos, sem discursos e honrarias, ela não teve um sepultamento digno?

— Eu nunca disse isso — protestou Tom.

— Você disse exatamente isso quando eu perguntei a respeito de um sepultamento digno — disse o Coveiro. — Mas perceba: tudo isso que você disse serve para os vivos, Tom, não para os mortos.

— O que quer dizer? — perguntou Tom.

— Rituais de passagem são para as pessoas que ainda estão no plano material, físico, pessoas que ainda estão vivas — explicou o Coveiro. — A passagem já aconteceu para aquele que está morto. É claro que ele, enquanto estivesse vivo, gostaria de um velório, um sepultamento... como você disse mesmo? Ah, sim: digno. Mas rituais de despedida servem mais para os vivos do que para os mortos. Os mortos se preocuparam com o que puderam enquanto estavam vivos. Suas preocupações únicas se encerram no momento da morte, esfacelando-se junto com o corpo que volta a ser pó. E ainda há sua fala sobre ser enterrado rodeado pela família e pelos amigos. Nem todos têm família, Tom. Nem todos têm amigos. Já presenciei funerais nos quais somente funcionários do cemitério entraram para colocar o corpo na sala para o velório e vieram buscar na hora do sepultamento, sem que família ou amigos estivessem presentes. Pessoas que viraram as costas para suas famílias, que tinham amigos de rua, mas nunca algum amigo de verdade, e que, no fim, terminam sozinhas em um ritual de partida vazio de sentimento e de pessoas. O único presente no velório é o próprio falecido. Isso não torna o sepultamento menos digno, mas evidencia uma grande ausência, seja por parte do falecido ou por quem o cercava enquanto vivia. Agora, me faça um favor e passe esta caixa que está neste carrinho.

Entendo — disse Tom, passando a caixa de adubo para o Coveiro. — Porém, eu gostaria que eu tivesse um bom sepultamento quando, enfim, tudo terminasse.

— Com honrarias? — perguntou o Coveiro, enquanto colocava o conteúdo da caixa em torno da planta. — Nem todos têm as mesmas oportunidades, Tom. Nem todos receberão homenagens durante o sepultamento, como acabei de explicar, e isso não torna o rito menos digno. Certamente, todos querem ser homenageados na hora da morte, mas entenda: o que quer que se tenha a dizer ou fazer, deve ser dito e feito enquanto a pessoa está viva. Até mesmo os mais belos discursos não são feitos para os mortos, Tom, mas para os vivos que estão

ali, velando a pessoa, entende? E ainda há outro fator a considerar: nem todos que morrem têm sequer um sepultamento adequado. Quantas pessoas já se perderam no mar, virando alimento para os animais marinhos, ajudando a vida contínua de ecossistemas inteiros das profundezas? Quantas pessoas morrem todos os anos, assassinadas, e têm seus corpos descartados em locais que só Deus sabe onde? Quantas pessoas morrem e são enterradas como indigentes, mesmo tendo sido pessoas com uma história de vida inteira e que, no fim, nada disso importou?

— Compreendo — respondeu Tom, coçando a nuca. — Mas será que podemos enterrá-lo agora?

— Nós já fizemos isso, Tom — respondeu o Coveiro. — Já o enterramos.

— O quê? — Tom estava incrédulo e confuso. — Sequer saímos daqui. Ninguém trouxe o caixão para cá, e não há um túmulo para ele. Não havia vala aberta para enterrá-lo.

— Nós acabamos de enterrá-lo, Tom — afirmou novamente o Coveiro. — Você o passou para mim e eu o enterrei bem aqui — e apontou para o adubo em pó em torno dos lírios-do-fogo.

— Isso é loucura! — Tom riu. — Você está mentindo pra mim. Aquele homem ainda está lá!

— Tem certeza disso, Tom? — respondeu o Coveiro. — Ou este é mais um dos momentos da sua vida em que você não percebe o que aconteceu ao seu redor e acredita que é tudo invenção?

— Do que está falando? — Tom se exaltou. — Você sequer me conhece.

Andou me vigiando, por acaso? Pra mim já basta, vou até a polícia e farei com que fechem este lugar. Vocês estão trabalhando nisso juntos, e eu estou sendo uma possível vítima de algo maior aqui. — Tom se virou e saiu andando apressadamente pelo caminho por onde havia chegado.

Impaciente, nervoso e cansado, Tom seguia apressado de cabeça baixa, resmungando no caminho de volta ao prédio da administração. Ele precisava chamar as autoridades com urgência e levaria tudo isso até as últimas consequências. No entanto, quanto mais apertava o passo, mais sentia que o caminho se agigantava à sua frente. Não parecia ter percorrido toda essa

distância na vinda do prédio até aquele ponto, mas, ao retornar pelo mesmo lugar, ele acreditava ter andado mais que o dobro.

Mas essa não era a única estranheza que ele havia notado. Ao olhar ao redor, a paisagem era consideravelmente diferente. Os túmulos ainda faziam parte do lugar, porém a vegetação havia assumido uma peculiaridade considerável. Enquanto olhava ao redor, Tom percebeu que o caminho tinha um aspecto à sua frente, outro no ponto onde ele se encontrava e, ao olhar para trás, um terceiro e quarto aspectos diferentes.

Devagar, ele caminhou para frente, de costas, para notar uma ligeira transição. Com certa curiosidade e um pingo de terror crescente, ele olhou para frente enquanto caminhava devagar, para ter certeza do que estava enxergando. As margens do caminho à frente de Tom não tinham nem flores, nem ramos, nem árvores; o mesmo acontecia com a paisagem além, no cemitério. Gradativamente, a vegetação crescia ao longo do caminho até o ponto onde Tom se encontrava. A paisagem nas laterais, onde ele se encontrava, estava perfeitamente florida, com flores abertas, folhas bem verdes e árvores poderosas, tanto margeando o caminho como também entre os túmulos. Para trás de Tom, no entanto, a vegetação assumia uma característica mais envelhecida, mais fraca, com árvores já um tanto quanto secas, algumas delas sem folhas, e, no fim do caminho, elas pareciam estar mortas.

Conforme ele andava, para sua surpresa, descobriu que a paisagem à frente, que antes não tinha flores, frutos nem árvores, ia crescendo e florescendo à medida que ele se aproximava, alcançava seu esplendor quando ele passava por ali e se tornava mais fraca e sem vida quando ele se afastava.

— Mas o quê... — ele não conseguia compreender o que estava acontecendo e foi tomado por um sentimento de terror e aflição que o colocou em disparada, a toda velocidade. Quanto mais corria, notava que a vegetação lateral acompanhava sua velocidade e, igualmente, parecia correr em suas fases de nascimento, crescimento e morte.

Ele correu o máximo que pôde, a fim de sair daquele lugar o mais rápido possível, mas o caminho parecia não ter fim. O desespero cresceu, e Tom começou a pensar em diversas explicações lógicas e ilógicas para o fenômeno que presenciava. “Estou doente? Bati a cabeça? Me drogaram, isso! Será que eu

estou morto?” Todos esses pensamentos fizeram com que ele gritasse enquanto corria e cerrasse os olhos com força para não ver mais nada, até que sentiu algo maciço em seu caminho, algo ralar sua testa como um ralador de cozinha e, em seguida, o chão. Ele abriu os olhos, com uma dor latejante na cabeça e viu a enorme árvore bem à sua frente. Tom gritou quando a voz falou com ele.

— É perigoso correr de olhos fechados, Tom! — disse o Coveiro.

— Jesus Cristo! — arfou Tom. — De onde você veio?

— Eu estava aqui o tempo inteiro — respondeu ele. — Estou cuidando do jardim, lembra?

— Tá legal, me diz o que está acontecendo? — Tom se levantou depressa. — Alguém de vocês me drogou?

— Ora, Tom, deixe de besteira! — riu o Coveiro. — Não há nada acontecendo, apenas a vida seguindo seu curso natural.

— PARA DE ME ENROLAR! — gritou Tom. — Isso não é natural. Que inferno. Eu só quero sair daqui.

Tom se sentou e colocou o rosto entre as mãos, pressionando os olhos.

— Por que eu tô aqui? O que está acontecendo comigo? — ele se perguntava baixinho, enquanto o Coveiro continuava a cuidar do jardim.

Depois de um tempo, Tom não soube avaliar quanto, ele ergueu a cabeça e olhou ao redor. A paisagem não tinha mudado quase nada. Ele recostou a cabeça na árvore que se prostrou em seu caminho enquanto corria e gritava. Sentia um vazio crescer dentro de si.

— Como você sabia? — disse ele, jogando a pergunta no ar.

— Vai ter que ser mais específico — disse o Coveiro, terminando de abrir outro buraco para colocar uma caixa lá dentro.

— Quando meus filhos faziam apresentações na escola, durante a infância, eu não estava presente por conta do trabalho — explicou Tom. — Mais cedo, você disse exatamente isso. Como sabia?

— Vamos dizer que eu sei muitas coisas, Tom! — respondeu o Coveiro, colocando a caixa no buraco e fechando-o. — Aqui se foi mais um.

— Não, você foi bem específico — respondeu Tom. — Ou você de fato me conhece, ou tem me vigiado por muito tempo.

— Vigiado por muito tempo... — repetiu o Coveiro, pensativo. — Sim, Tom, eu tenho vigiado você há anos. Isso é verdade.

— Eu devia chamar a polícia — ameaçou Tom.

— Não vai fazer diferença alguma — respondeu o Coveiro. — Você teria que provar, e isso se tornaria realmente embaraçoso. Mas devo acrescentar que, da mesma forma como vigio a você, também vigio a eles. Vigio sua família, seus vizinhos, seus empregados. Vigio as pessoas que passam pela sua vida e pelas vidas deles também. Estou sempre vigiando, observando sem ser notado, Tom. Eu estou em todo canto, em toda parte. E, quando as pessoas finalmente se dão conta de que estou ali, elas se impressionam; algumas se desesperam, outras não ligam. Outras tentam me fazer parar, disfarçar minha presença. Outras me aceitam como um velho amigo. E assim se dá no mundo inteiro.

Tom estava estupefato. Não sabia sequer como reagir.

— Quem é você? — Ele não conseguia pensar em nada para perguntar, e sua mente estava um turbilhão.

— Eu sou o Coveiro — respondeu o Coveiro.

— Você não é um simples coveiro — Tom se levantou. — Eu já estou aceitando a estranheza deste lugar e a possibilidade de estar morto, mas o que eu não aceito é que você seja um deles coveiro.

— Disso você está certo — respondeu o Coveiro. — Não sou um deles coveiro. Eu sou o Coveiro. O Coveiro do mundo, da existência.

— Do que está falando? — questionou Tom. — Pare de falar em enigmas e me diga quem é você.

— Você ainda não sabe, Tom? — rebateu o Coveiro. — Boa parte das pessoas, a essa altura, tendo testemunhado tudo o que você testemunhou, já teria chegado a algumas possíveis conclusões. Se isso fosse uma história em algum tipo de livro, os leitores e as leitoras mais atentos(as) já teriam alguma ideia, mesmo que vaga. Mas você, confesso, está me decepcionando.

— Você é Deus? — indagou Tom.

O Coveiro riu alto enquanto se apoiava em sua pá.

— Não, Tom. — respondeu ele. — Eu não sou Deus. Minha existência, para Deus, não faz muita diferença. No entanto, algumas pessoas em tempos

passados já me tiveram por divindade, uma delas tinha... muita fome, eu diria!
— riu o Coveiro.

— Fome? De quê? Almas? — perguntou Tom. Claramente, estava diante de um ser antigo, ancestral. Suas indagações sobre estar morto já não eram tanta prioridade quanto descobrir com quem estava falando. No entanto, esse vago pensamento lhe trouxe outra possibilidade: — Você é a Morte?

— Não seja tolo, Tom! — exclamou o Coveiro. — Eu sou o Coveiro, não a Morte. Eu cuido do que a Morte deixa para trás. Ela leva a vida e eu enterro o que sobrou. Quando ela chegou ao universo, eu já estava observando tudo e todos. Eu sou um velho senhor, enquanto a Morte ainda é uma jovem donzela — explicou ele. Por fim, acrescentou: — E devo dizer que é cansativo acompanhar seus chutes incessantes. Ninguém aguenta mais isso.

— Você não me diz quem é! — frustrou-se ele.

— Não te trouxe aqui para te dizer quem eu sou. Eu o trouxe até aqui porque precisamos conversar — explicou o Coveiro. — Você deve constatar quem eu sou sem que eu lhe diga isso. Afinal, eu te acompanho a vida inteira.

— O que eu tenho que conversar com um coveiro? — indagou Tom.

— O que há de mais importante para você, Tom? — perguntou o Coveiro.

— Minha família. — Tom respondeu sem pestanejar.

— Não tenho tanta certeza — respondeu o Coveiro. — Você diz que ela é importante, mas a deixou de lado em diversos momentos para se dedicar ao trabalho. Não deixou passar somente apresentações dos seus filhos na escola, Tom. Você perdeu aniversários, perdeu o casamento do seu irmão porque precisou viajar a negócios. Tudo isso para construir um império que, no final, não vai desfrutar.

— Sempre fui uma pessoa muito dedicada à família. Meus filhos vão crescer confortavelmente e com um bom pé de meia guardado. Eles terão tudo que precisarem ou quiserem — respondeu Tom.

— Tudo mesmo? — observou o Coveiro. — E quanto à presença do pai deles? E quanto à presença do irmão e melhor amigo no momento mais importante da vida?

— Eu tive que fazer os sacrifícios necessários — justificou Tom.

— Fazer sacrifícios faz parte da vida. Até mesmo a *animalia* faz sacrifícios necessários. No entanto, os animais vivem em torno de algo que os leva para frente: a vida. Eles criam filhos para o mundo, mas não deixam de viver. Eles têm responsabilidades, mas não deixam de viver. Os sacrifícios são escolhas, Tom. E, para cada escolha, há uma renúncia. Mas sacrifícios necessários não devem te ausentar da sua própria vida, nem daqueles que te cercam.

Tom sabia o que o Coveiro estava dizendo. Percebia o tempo perdido em prol de conquistar um grande império e não ter visto os filhos crescerem. Lembranças começaram a carregar em sua memória. A imagem dos filhos, de repente, mudou, e Tom se perguntou quando foi que eles cresceram tanto. A imagem do casamento em que ele estava presente, mas o nascimento dos netos que deixou passar por negociações importantes. E ele viu a vida inteira passando diante de seus olhos, na qual, em sua maioria, foi dedicada ao trabalho.

— Eu estou morto — afirmou Tom, sentando-se novamente. — Era meu corpo que eu queria enterrar? Tantas pessoas chegaram e saíram sem nem ao menos me olhar.

— Talvez tenha sido o seu corpo — respondeu o Coveiro. — Ou talvez não. Não faz mais diferença.

— Eu envelheci e não notei. — Tom ainda refletia.

— As pessoas não notam. Elas só percebem... — explicou o Coveiro, mas foi interrompido por Tom, que completou a frase:

— Quando é tarde demais. — Tom olhou para o Coveiro, que imediatamente entendeu seus pensamentos.

— Eu enterro tudo, Tom. Eu sou o Coveiro não só da vida, mas de toda a existência. Dizem por aí que eu temo as pirâmides do Egito, mas afirmo a você que até mesmo elas têm um prazo de validade, e eu garantirei que seja cumprido, tal como a todo o Universo. Eu sou a Destruição de tudo o que existe, sou duro e implacável no exercício das minhas funções. Eu levo tudo comigo, independentemente dos anos, independentemente da sua força. Nem os mais brutos resistem aos meus efeitos. Nem os mais resistentes permanecem diante de mim. Eu planto o jardim, vejo ele crescer, envelhecer, até que a Morte leve dele a vida, e eu enterro o que sobrou. Eu não dou trégua, Tom. Eu sou o melhor remédio para curar corações partidos, e feridas há muito tempo abertas eu

também cicatrizo. Eu enterro sentimentos, dores, desejos... Eu enterro sonhos. Na Antiguidade, eu fui chamado de Aión, Kairós e até mesmo Kronos, apesar de eu jamais ter devorado meus filhos — ele riu. — Mas eu acompanho a tudo e a todos, independentemente de quanto durem. Eu não volto atrás, sigo sempre em frente, sem esperar ninguém, sem depender de ninguém. Ninguém está imune às minhas ações, ninguém pode me impedir. Ninguém pode fugir de mim. Eu não negocio, não faço acordos, não faço concessões. Eu marco o princípio de tudo e também estou lá para ver seu fim. Eu sou...

— O Tempo — completou Tom, lentamente.

— Eu sou o Tempo — confirmou o Coveiro.

Um longo silêncio pairou sobre ambos. Tom refletia sobre o que acabara de ouvir e sobre sua vida.

— Inacreditável — disse, por fim. — Eu vivi tanto tempo por eles e não vi você passar e levar deles a infância, a juventude. Sequer vi minha própria vida correr tão depressa.

— Eu sei — disse o Tempo, tornando a cavar. — Eu vi tudo.

— Eu investi muito neles todos... — disse Tom, olhando para longe, além da paisagem.

— Não, não investiu! — disse o Tempo.

— Como é? — Tom virou-se para ele.

— Você me ouviu, Tom. Você diz que investiu em seus filhos, na sua família, mas não investiu. Você os desperdiçou.

— Como ousa? — Tom se levantou, furioso.

— Você investiu tempo erguendo sua fortuna, e não em seus filhos. Você, propriamente, não investiu praticamente nada. Ganhou dinheiro para dar a eles uma vida confortável, mas não usufruiu do tempo que tinha com eles. Não dedicou tempo nenhum a eles, se comparado ao tempo que dedicou aos seus negócios pessoais. Existe uma diferença entre investimento e desperdício, Tom. O investimento lhe traz retorno e, financeiramente, você teve. Mas renunciou ao tempo com sua família, renunciou ao tempo de ver seus filhos crescerem, renunciou às oportunidades de ser feliz ao lado deles e não como um mero expectador. O desperdício não traz nada em troca a não ser isso: desperdício,

gasto. Você escolheu uma vida bem-sucedida financeiramente, e não uma vida dedicada à família.

— Eu trabalhei duro para dar a eles conforto. Muitas pessoas trabalham muito e ainda assim conseguem viver uma boa vida, de qualidade, com a família — rebateu Tom.

— De fato, muitos conseguem, Tom — concordou o Tempo. — Mas não é o seu caso. Foi você quem desperdiçou seu tempo, não eles.

Tom olhou a paisagem noturna, buscando algum tipo de consolo.

— Eu não posso voltar, não é? — Tom se sentou novamente.

— Não pode, Tom — disse o Tempo. — Sinto muito.

— Se eu ao menos pudesse... — começou Tom. E o Tempo completou:

— Voltar no tempo e fazer tudo diferente... — Ele parou de cavar e olhou ao redor. — Os seres vivos só sabem o que deu errado com eles depois que algo dá errado. Em alguns casos, vocês podem premeditar, conjecturar uma possibilidade... mas o que está feito, está feito, Tom. É muito fácil, porém doloroso, recitar exaustivamente a clássica frase: “e se eu pudesse voltar”. Mas não podem. Nem eu posso. Eu não estava atrás de você, eu estava sempre adiante. Eu sou um só.

— Se você é mesmo o Tempo — começou Tom —, me esclareça: por que há pessoas que vivem mais do que outras? Por que eu não pude ter mais tempo com eles? Por que eu morri sem ter usufruído?

— Você percebe o quão injustas essas perguntas são, Tom? — respondeu o Tempo. — Você coloca sobre mim o peso de decisões que partiram de você, porque sempre buscou justificar seus atos falhos por meio dos outros. Não fui eu quem tirou o seu tempo, foi você mesmo. Sobre pessoas que vivem mais do que outras, não sou eu quem decide isso. Nem mesmo a Morte. Ela faz a passagem, mas não é ela quem decide quem fica ou vai. Eu, por minha vez, apenas observo enquanto passo. Trago a vocês todos, seres vivos e seres inanimados, os efeitos do envelhecimento, do tempo, da futura destruição. Eu não decido o tempo de vida de ninguém. São as circunstâncias da vida que definem isso, e não cabe a mim julgá-las justas ou não. Eu apenas garanto que você e todos os demais vivam justamente o mesmo tempo: o tempo de uma vida, quer seja ela longa ou não. Todos têm a mesma quantidade de tempo correndo

simultaneamente, mas, para alguns, há uma árvore barrando o caminho — ele apontou para a árvore em que Tom se chocou enquanto corria —; já outros continuam correndo.

— Por que me trouxe para cá? — perguntou Tom. — Por que precisava conversar comigo, afinal?

— Eu nunca precisei conversar com você, Tom — disse o Tempo. — Você é quem precisava conversar comigo. Você não aceitou sua passagem; você achou injusta sua partida; você pediu mais tempo. E aqui está você.

— Não me senti pronto para sair da vida — lamentou Tom. — Na verdade, ainda não me sinto.

— Poucos se sentem prontos para isso — disse o Tempo. — Mas, apesar de sua representação atual aparentar ser jovem, você permaneceu no mundo físico por quase noventa anos, Tom. Mas algo em você achou injusto ter que ir embora quando finalmente passou a aproveitar os momentos com seus netos e bisnetos.

— Bisnetos? — Tom se surpreendeu. E, de fato, as memórias começaram a voltar, fluindo por sua mente. Ele teve, além de dois filhos, quatro bisnetos, e não pôde aproveitar tanto quanto queria.

Na verdade, outras memórias foram desbloqueadas, e Tom se viu novamente naquele jatinho particular: a fuselagem se desprendendo, o ar entrando e tudo acabando num estalar de dedos. E Tom estava morto. Uma leve lembrança de alguém se sentando ao seu lado, e mãos delicadas puxando-o com cuidado para um lugar além, invadiu sua memória. Estava levemente rejuvenescido, as muitas rugas já não cobriam mais sua pele. Ele saiu do avião vazio e, como num sonho distante, se viu no cemitério, olhando para um corpo morto se decompondo rapidamente diante de seus olhos.

Ele suspirou novamente e levantou a cabeça. O dia parecia estar surgindo em algum lugar no horizonte. Ele sorriu.

— Eu compreendo — disse ele, depois de alguns minutos. — O meu tempo acabou, e eu só posso esperar que eles saibam investir o tempo deles em coisas que importam.

— Eles estão sabendo, Tom — disse o Tempo. — Isso eu posso garantir.

— Como é ser testemunha de tudo isso, afinal? — perguntou Tom.

— Boa pergunta! — disse o Tempo, parando o que estava fazendo e olhando para ele. — Às vezes, é solitário, mas me divirto com vocês. Os muitos cálculos para tentar viajar anos para trás ou para frente, as muitas histórias que vocês contam... Os seres humanos são, até certo ponto, divertidos de observar. Mas devo admitir: eu já sei como tudo isso vai acabar.

— Já viu o futuro? — indagou Tom. O Tempo riu.

— Thomas, Thomas... Eu já estou lá. E devo acrescentar: as pirâmides, a Grande Muralha, todos esses vestígios da passagem dos seres humanos pela vida vão durar muito tempo. Mas, um dia, eu vou enterrá-los também. Como eu disse, até mesmo o Universo tem prazo de validade.

— Eu não acho que vou querer ver esse fim — refletiu Tom.

— Para mim, não há escolha, Tom. Eu não só verei, como cuidarei de todos os vestígios pelos éons que se sobrepuserem à sua existência.

— Isso parece muito tempo! — disse Tom.

— Para mim, não faz muita diferença — disse o Tempo. — É muito relativo.

Ele se aproximou de Tom e sentou-se ao seu lado. Observou o céu clareando aos poucos.

— Isso me faz lembrar da última pessoa que esteve aqui antes de você! — disse o Tempo, acomodando-se.

— É mesmo? — indagou Tom. — E quem seria?

O Tempo sorriu para os primeiros raios de sol.

— Einstein — disse o Tempo. Havia um tom de satisfação em sua voz.

— Uau! — exclamou Tom. Ele olhou ansioso para o Tempo. — Deve ter sido uma conversa fascinante.

O Tempo suspirou e concordou com a cabeça.

— Acomode-se, Tom. Eu vou lhe contar como esse sujeito veio até aqui e me apresentou sua Teoria da Relatividade!

E o Tempo contou a Tom seu fascinante encontro com Albert Einstein, que, em suas palavras, foi uma das melhores conversas que já teve em muitas eras. Ele não poupou detalhes, e Tom não o interrompeu. O dia estava só começando, e ele tinha muito tempo para ouvir.

A farsa

Sirlene Pinheiro Alves
Aluna do curso de Pedagogia

“Os homens de puro coração herdarão o reino do céu.”

Ouvia de um mendigo essas palavras que lhe causavam ânsia. João Magro não era religioso, nunca foi a uma igreja e odiava essas palavras de esperança. Não acreditava que praticar o bem surtisse efeito — pois isso era feito apenas para benefício próprio: ir para o céu. Caminhava pelas vielas daquela grande feira, no centro do reino, à procura de especiarias para seus medicamentos caseiros. Era curandeiro. Não é dos melhores, mas conseguia sobreviver.

— O que comprou dessa vez? Onde estão as demais ervas? — indagou seu velho amigo e ajudante, Pedro Ló, assim que ele chegou em casa.

— Acha que aquela mísera moeda seria suficiente? Não seja tolo, meu caro. Se pudessem, aqueles vermes levariam meus ossos para cobrar uma simples erva... Malditos, malditos sejam! — esbravejava, cada vez mais alto.

— O que vamos fazer? Aquela senhora vai voltar, querendo seu tônico.

Outrora, prometera a uma senhora que melhoraria suas dores na coluna.

— Vamos apenas entregar um tônico diferente. Se ela reclamar que não melhorou, diremos que foi porque ela não acreditou nos seus efeitos. Assim, não perderemos a venda — disse com um sorriso nefasto.

O amigo não concordava, porém ficou mudo — era assim que viviam, não havia nada a ser feito.

A senhora chegou às doze horas em ponto. Era pomposa, devia ser nobre ou algo assim — era visível pelas roupas. Olhou com desdém para aquele pequeno cômodo onde atendiam. Eles perceberam o olhar.

— Vocês sabem o motivo da minha visita. Não vou me prolongar. Onde está o bendito tônico que me prometeram? Esta já é a terceira vez que venho aqui, e nada!

Os dois companheiros se olharam e, sem esboçar nenhuma emoção, entregaram-lhe o medicamento. Ela o tomou ali mesmo, dizendo que, se não funcionasse, com certeza saberiam o que seu marido poderia fazer. Era uma

ameaça. Óbvio. Os ricos fazem o que querem. Aos pobres resta aceitar — ou quase. João Magro não aceita. Não quer ser desmerecido por esses abastados. Mas, enquanto ela estiver ali, não ousa exprimir suas emoções.

— Oh, senhora, há de funcionar... ou eu não me chamo Pedro Ló.

Certa manhã, já estavam a postos no trabalho quando, de repente, entrou um senhor. Apresentou-se. Fora enviado pelo rei e vinha ali para arrecadar o imposto. Os senhores haviam se esquecido desse detalhe. Ainda não tinham o dinheiro. As vendas e as consultas, naquele mês, não foram boas.

O coletor iniciou a conversa com demasiada formalidade, mas, com um tom ríspido, respondeu aos companheiros, que tentavam explicar o porquê de ainda não terem o valor.

— Meus senhores, por desventura não são os únicos que me dizem estas palavras. Devo vos lembrar que estão sob a proteção de vossa majestade. Têm uma casa, e não há inimigos a invadi-la — é vosso dever honrar o pagamento. Caso ele não seja coletado, deverão se retirar.

Depois de muita insistência, conseguiram que ele retornasse em outra data — em três luas, para ser exato.

Agora, viam-se em uma situação complicada. No passado, passaram a morar juntos por ser mais fácil pagar os altos impostos cobrados pela Coroa. Como João Magro conhecia ervas medicinais — talento herdado de sua mãe —, viram ali uma possível oportunidade de negócio. Organizaram tudo. Abriram uma pequena casa de ervas. Divulgaram em centros de comércio, em outras vilas, em todo lugar possível.

A princípio, as vendas iam bem. Mas, com o tempo, passaram a ser descredibilizados, quando os aldeões perceberam que de nada adiantavam aquelas especiarias.

O que fazer agora? Sem dinheiro, sem clientes e endividados, os amigos não tinham a quem recorrer naquele momento. O jeito era deixar que o tempo guiasse seus futuros.

Três luas se passaram. E então, o coletor voltou ao muquifo. Estava mais impaciente do que nunca.

— Ora, senhores, a viagem até aqui foi longa. Venho recolher o combinado e espero não ter contratempos.

Ao descer do cavalo, porém, pisou em falso e foi ao chão. O grito de dor ecoou pela viela estreita. Tentava levantar-se, mas não conseguia. Com muito esforço, rastejou até um banco na entrada da casa, queixando-se de uma terrível dor no pé esquerdo.

Pedro Ló, sempre bondoso, se prontificou a ajudá-lo. João Magro, por outro lado, apenas observava com fúria. Em seus pensamentos, aquele homem podia ir para o quinto dos infernos. Por culpa dele, João teve que vender sua companheira égua de estimação para quitar a dívida. O animal era velho, não rendeu muitas moedas, mas, por hora, fora suficiente.

Entrou na casa, irritado, para pegar o dinheiro e entregar ao coletor. Pedro entrou logo atrás, anunciando:

— Ele sofreu uma torção no pé.

João riu.

— Não vai ajudá-lo? — perguntou Pedro, curioso com o prazer que o amigo sentia em ver o sofrimento alheio.

— Eu? Jamais. Que ele sofra!

Ao dizer isso, voltou sua atenção ao baú onde estava o dinheiro, revirando-o. De repente, uma ideia tomou conta de seus pensamentos. Levantou a cabeça, os olhos brilhavam.

— Já sei! — exclamou em voz alta, com o semblante radiante. — Mande aquele infeliz entrar!

— O que vai fazer? — perguntou Pedro, desconfiado. — Não tô gostando desse seu semblante enlouquecido...

João foi até o homem e disse: — Meu cavalheiro, o seu pé vai inchar, e inchar mais ainda... depois vai cair como uma cabeça degolada na lâmina fria da guilhotina. O senhor vai ficar coxo... Não há nada a ser feito...

O desventurado senhor o interrompeu com um grito agonizante, clamando por ajuda. Estava apavorado — sua expressão era de pura confusão.

— A não ser que...

João Magro foi até uma mesa onde estavam várias ervas, poções e emplastos de variadas cores. Olhou de canto para o homem que agonizava no chão, fez uma mistura com mel, boldo e funcho e entregou-lhe a bebida. Desesperadamente, ele tomou tudo. Em seguida, João lhe deu um pedaço de

pano para que mordesse e pediu que aguentasse a dor. Segurou firme o tornozelo inchado e, com um movimento brusco, o realocou.

— Meu nobre senhor, deve tomar este medicamento todos os dias até ver que melhorou. O valor é cinquenta moedas. Posso fazer até cinco frascos hoje.

Após o ocorrido, com os ânimos acalmados, Pedro Ló perguntou, curioso:

— O que era aquela porção? Como solucionou o problema tão rapidamente?

— A mistura que entreguei àquele homem não serve para nada. Pobre idiota... precisava apenas do seu dinheiro. O pé estava apenas deslocado — o que até uma criança resolveria com um pouco de força.

O cobrador passou a retornar a cada cinco luas para buscar mais medicamentos. A surpresa para os amigos foi que, nas visitas seguintes, ele começou a trazer novos clientes de alto nível: nobres, *ladies*, oficiais — todos ansiosos por seus remédios.

João convenceu o companheiro a continuar com a farsa. Ninguém iria ficar sabendo. E, quando aquelas pessoas descobrissem, não poderiam fazer mais nada — porque eles pegariam suas coisas e se mudariam para outro reino.

E assim se seguiu por alguns meses. A casa estava cheia de nobres à procura de medicamentos para as mais diferentes enfermidades. Os dias se passavam, e cada vez mais moedas eram guardadas. João e Pedro aumentavam excessivamente o preço das substâncias medicinais e, mesmo assim, vendiam como água.

Entretanto, para João, aquilo não era suficiente. Certa vez, encontrou-se com um garoto miserável que fingia ser manco numa praça movimentada. Outra ideia floresceu em sua mente orgulhosa e de caráter duvidoso. Traíçoeira como ele, a ideia tomava conta do seu juízo. “Mais moedas”, pensava ele, “mais dinheiro posso fazer enganando aqueles malditos.”

Apresentou-se ao menino e logo disse que sabia que tudo era uma farsa, pois o vira andar normalmente outro dia, mas que não contaria nada a ninguém se ele o ajudasse. O garoto, acuado e muito assustado, concordou — aquele estranho senhor magrelo prometera-lhe muitas moedas e alimento.

João Magro, ao retornar para casa, contou o plano ao amigo, que, de cara, recusou:

— Que absurdo! — dizia ele. — Se nos pegarem, vamos ser mortos!

Nada tirava da cabeça perversa de João Magro aquela ideia.

— Oh, caro amigo, você já faz parte desse plano... ou acha que vai ter seu lugar no céu enganando aquelas pessoas? Isso que estou pensando você pode interpretar como um espetáculo de mágica de circo. Há pessoas que juram ser real. A diferença é que a entrada é gratuita e nosso lucro virá das vendas dos medicamentos.

A ideia sórdida de João Magro foi colocada em prática na sexta lua do quarto mês. Ao ver uma multidão reunida na grande feira do centro, Pedro Ló gritou:

— Olhem! Vejam com seus próprios olhos: este homem cura um manco! Olhem que magnífico!

Com a atenção de todos, João Magro entregou uma mistura de ervas ao garoto, que mastigou e, prontamente, começou a andar perfeitamente. A plateia, incrédula com o que acabara de ver, murmurava:

— Charlatões! — alguém dizia.

Mas, com a boa lábia de Pedro Ló, foram convencidos de que tudo era real. Instalaram uma barraquinha ao lado de várias outras, num ponto estratégico onde todos podiam ver. Venderam como água: desde medicamentos para queda de cabelo até curas para enfermidades mortais, como pestes. Prometiam que tudo seria resolvido em uma hora.

Toda aquela multidão clamava por suas misturas. Pessoas pobres e maltrapilhas vendiam o pouco que tinham por um pouco de esperança. Em meio àquele caos, Pedro Ló se sentia mal. Não queria enganar os mais necessitados — queria apenas conforto. Entretanto, por mais que estivesse ganhando dinheiro, aquilo era demais. Já o companheiro tinha ânsia por mais; não reconhecia mais o amigo, parecia outra pessoa.

A farsa continuou por mais alguns meses. Sempre que havia reclamações, eles se mudavam de casa, bairro ou até de aldeia. A fama dos dois curandeiros correu por todo o reino. Tornaram-se famosos. Mais e mais pessoas, dos mais ricos aos mais pobres, adquiriam seus compostos medicinais “milagrosos”.

O que os mentirosos não sabiam — ou não esperavam — era que aquela fama chegaria aos ouvidos de alguém muito importante e mudaria suas vidas para sempre. No fim de novembro, depois de quase sete meses de toda essa história, apresentou-se a eles um guarda. Mas não era qualquer guarda — era um enviado direto do palácio real. Entregou-lhes uma carta e pediu resposta imediata. João e Pedro estavam petrificados. Um suor frio escorria-lhes pela testa. O mensageiro partiu sem dar muitas explicações, nem revelar o conteúdo da carta.

— Estamos perdidos. Vamos perder a cabeça...

— Não seja exagerado! Se fosse isso, não teríamos recebido uma carta. Talvez o rei queira nos remunerar por nossos atos de extrema importância. Ou me promover a médico real... Já me vejo ganhando muito ouro!

Ao lerem a carta, um alívio pairou no ar. O monarca apenas solicitava uma breve apresentação no palácio. Detalhava que queria alguns medicamentos e que seriam bem remunerados com muito ouro — exatamente o que João mais queria.

Mas Pedro recusou:

— Está louco, meu amigo? Como vamos enganar um monarca? Esses medicamentos não funcionam — já se esqueceu disso?

— Essa é uma ótima oportunidade! — dizia João, tentando convencer o amigo de outra ideia maluca. Mas essa era mortal. Enganar um Monarca era considerado traição, e a punição era decapitação ou ser queimado vivo.

João Magro parecia não se importar. Mas, para o amigo, aquilo era uma sentença de morte. Recusou firmemente.

— Vá sozinho. Eu não vou fazer parte dessa loucura. Prefiro minha cabeça em meu corpo.

Pedro sugeriu que fugissem do reino o mais rápido possível, pois agora estavam marcados. O rei sabia. Mas de nada adiantou — a ganância do amigo falava mais alto.

— É só uma apresentação. Podemos contratar pessoas para encenar. Ele nunca vai desconfiar! Monarcas não têm tanto tempo a perder com “inúteis” como nós. A única coisa que ele quer são esses malditos remédios. E é isso que vou lhe entregar.

João sorria enquanto falava. Parecia convencido de que daria certo. Seus esforços para convencer o amigo foram em vão. Então, disse que iria sozinho e que não dividiria nada com o amigo — ali acabava a amizade. Não queria um covarde ao seu lado.

Na data marcada, apresentou-se aos guardas do portão do castelo. Não estava sozinho: prometera muito ouro a alguns moribundos para que fizessem parte do seu plano. Só não dissera a eles que se apresentariam ao próprio rei — disse apenas que era para um nobre qualquer.

João entrou sem muito esforço — já era aguardado. Nunca havia estado no castelo: era magnífico, bem diferente do vilarejo. Tudo estava limpo, e as colunas de uma das salas reluziam como ouro. Para ele, aquilo era desperdício. “Por que ter ouro nas paredes, se não podemos usar?”

João e seus acompanhantes foram conduzidos ao grande salão real. Era enorme, com arquibancadas cheias de nobres. Ele não conseguia ver seus rostos — estavam às escuras. João não esperava aquilo. Pensava que se apresentaria somente ao rei.

Um homem de meia-idade se posicionou ao lado do grande trono de ouro e ali ficou até que o convidado colocasse seus pertences sobre uma mesa estrategicamente colocada no centro do salão. Feito isso, anunciou em alta voz:

— Vossa Majestade, O Grande Rei Augusto, da nobre corte, estará presente para uma breve reunião. Curvem-se todos!

Ao ouvir esse nome, os dois moribundos contratados por João se apavoraram. Estavam furiosos e queriam agredir o magrelo, mas os guardas os contiveram. Não podiam fugir — a única chance de sobrevivência era seguir com o plano, fingir que foram curados por ele.

O rei entrou e se sentou. Todos se curvaram. Um silêncio tomou conta do salão.

João se apresentou, tentando usar toda a formalidade que lembrava para se dirigir ao monarca. Viu, ao lado do rei, uma espécie de balde com joias e pedras preciosas — deduziu ser seu pagamento. Seus olhos brilharam.

— Vossa Majestade, o que deseja com minha insignificante presença? Há algo que eu possa fazer por vossa pessoa?

— Chegou a mim que o senhor é um exímio médico. Decerto, muito se fala de vós por entre esses muros. É uma pena que seu amigo não esteja presente. Por favor, mostre-me o que pode fazer.

João se encheu com aquelas palavras e começou seu pequeno teatro. Apresentou os dois moribundos e as ervas, e descreveu o que elas poderiam fazer. Seu discurso era perfeito. A plateia murmurava sons inaudíveis a cada apresentação. Ele não os compreendia, mas interpretava como algo positivo.

“Está quase acabando”, pensava. “Agora é só receber a queixa da enfermidade do rei, indicar um remédio, pegar o ouro e ir embora.”

A imagem do amigo Pedro Ló vinha-lhe à mente, mas logo a dispersava. “Covarde”, dizia consigo mesmo.

Concluída a apresentação, todos aplaudiram. O rei se levantou e pegou o pequeno balde com ouro. Os olhos de João brilhavam cada vez mais a cada passo que o rei dava em sua direção.

— Magnífico! Aqui está sua recompensa por servir tão bem a este reino.

O monarca entregou-lhe o balde. João estava maravilhado — havia conseguido. De repente, um barulho. As cortinas da arquibancada foram erguidas, revelando o público. Todo o brilho de seu rosto deu lugar ao medo. João gelou — eram todos os nobres que ele havia enganado. Homens e mulheres o olhavam com desprezo.

— Os conhece? — perguntou o rei. — Essas pessoas o acusam de charlatanismo. O senhor confirma?

— Não, senhor... nunca os vi ... eu... — mentiu, com a voz trêmula.

— Pois bem. Só há um modo de provar sua inocência. O senhor disse que este medicamento leva uma hora para fazer efeito e cura a lepra, não é mesmo?

João assentiu, com voz tímida. Já não tinha mais confiança — estava acuado e amedrontado. O rei ordenou que ele entregasse o medicamento a um homem de capuz na plateia, isolado num canto. Ao retirar a peça de roupa, revelaram-se as manchas na pele. O homem bebeu tudo e sentou-se novamente, cobrindo-se com o capuz. O monarca declarou: se ele estivesse curado em uma hora, o ouro seria de João.

Foi ordenado silêncio absoluto.

O corpo de João tremia. Suava frio — sabia que não daria certo. Em sua cabeça, havia um fio de esperança. Talvez algum deus o ouvisse. A imagem do amigo voltava com força, e ele se lamentava.

A areia da ampulheta, usada para marcar o tempo, derramava-se feito água. A cada segundo, o medo e o arrependimento tomavam conta de João. Aquilo era uma armadilha — como não percebeu? Agora, era um animal indefeso cercado por predadores.

Quando o último grão de areia caiu, o rapaz se levantou e se posicionou no centro do salão. Todos aguardavam, ansiosos, o que ele revelaria. Ao tirar o capuz, o monarca ordenou:

— Cortem a cabeça desse charlatão!

Crônica

A magia do café da esquina

Beatriz Francisco Conrado
Aluna do curso de Psicologia

Há um café pequeno e modesto na esquina do meu prédio. Nada de especial: mesas de madeira gastas, um aroma de café moído no ar e uma pequena fila no balcão. Mas, todo dia, ao chegar, o dono me cumprimenta com um sorriso e já sabe o que vou pedir. Ali, me sinto parte de um pequeno universo onde as pessoas são sempre bem-vindas, onde o barista conhece seu nome e seu gosto.

Em uma cidade de rostos anônimos e apressados, aquele lugar é um refúgio que acolhe sem pedir nada em troca — apenas um pouco do seu tempo.

Além da pressa

Felipe Correa Maciel Alves
Colaborador técnico-administrativo

Era apenas uma tarde comum, mas, de repente, o céu parecia maior, e o ar, mais leve. Havia um frescor que despertava memórias. Senti um toque suave que parecia me empurrar para frente, como uma promessa de dias livres, sem pressa. Um momento em que somos inteiros, abertos ao vento, ao cheiro, à própria vida — apenas sendo, sem moldes, sem metas.

Caminhando por uma rua, o brilho do sol acariciava a pele, e o murmúrio do vento entre as árvores trazia consigo o perfume de um café fresco, que invadia o ar e despertava lembranças de momentos passados. A luz filtrava-se por entre as folhas, criando um espetáculo de sombras dançantes no chão. Ao fundo, escutava as risadas de crianças ecoando enquanto desciam o escorregador do parque, trazendo uma alegria contagiante, uma sinfonia de sons que celebrava a vida em sua plenitude.

Nesse instante, percebo que a liberdade não é apenas um destino, mas a capacidade de sentir cada nuance da vida, de absorver o presente e de apreciar a beleza dos pequenos momentos. Viver é um presente, uma sinfonia de aromas, sons e sensações que nos fazem sentir vivos. Devemos celebrar a cada instante, pois é na simplicidade do cotidiano que encontramos a verdadeira essência da liberdade.

Um louco e meio

Gabriela Moraes Liduário
Aluna do curso de Psicologia

Nunca, nos últimos anos, tive uma sensação igual a esta — meu coração bate no peito tão rapidamente que parece querer se expelir para fora. Olho ao redor e nada vejo, não há luz alguma. Droga, penso comigo. Péssima hora para um apagão, nem ao menos consigo ver o caminho pelo qual percorri até aqui. Então, eu paro, coração retumbante no peito e respiração ofegante, consigo ouvir seus passos: os passos do homem que há dias me segue e que hoje, justo hoje, decidiu — e sei que conseguirá — me matar.

Para inteirá-lo(a), caro(a) leitor(a), a fim de que não me chame “louco”, argumentando falta de fatos, voltaremos setenta e duas horas no tempo, até o pequeno café em que trabalho. Por volta das seis horas da manhã, olho pela pequena janela da cozinha e vejo um espaço cheio de fregueses ansiosos para serem atendidos e seguirem seus caminhos ocupados.

Estalo o pescoço e lá vamos nós: um, dois, três... Chego a perder as contas de quantos fregueses atendi naquela manhã, mas sei que agora o espaço está vazio. Sento-me na cadeira atrás do balcão, depois de horas de pé, e respiro fundo, me dando ao luxo de desfazer o falso sorriso que sustento até mesmo diante de pessoas que não o merecem. Porém, alguns segundos depois, a porta se abre e um homem alto entra. Ele nada pede, só fica ali, encarando a bancada. Tremo internamente, mas, por ossos do ofício, não posso ficar parado enquanto recebo um salário furreca por um trabalho meia-boca, então, levanto-me e vou até a mesa que o homem ocupou, tropeçando em alguma embalagem metálica jogada no meio do caminho — malditas crianças, penso, e faço uma nota mental para jogá-la fora mais tarde.

— O que vai querer nesta manhã, senhor? — pergunto.

— Café preto pra viagem — responde ele, colocando o dinheiro na mesa sem ao menos me olhar nos olhos. Suspiro e o pego instantaneamente, apressando os passos para entregar o pedido, o qual ele recebe sem sequer olhar na minha cara — novamente. Ok, menos um rosto para conhecer. Após exatos

quarenta e cinco minutos — para tomar um café preto? Enfim, não é da minha conta —, o vejo ir embora, mas uma sensação fria e estranha permanece na minha garganta. Depois desse dia, tudo igual: ele aparece na mesma hora, faz o mesmo pedido e nunca — nunca — me dá abertura para conversa. Mas — e agora dou espaço para chamar-me “louco”, caro(a) leitor(a) — começo a vê-lo por todos os lugares: bares, festas, do outro lado da calçada, do lado de fora da minha casa. Não consigo dormir. Não descanso. Não consigo parar de pensar em sua figura misteriosa, pois onde eu estava, ele estava. No entanto, eu não tenho inimigos, ao menos não que eu saiba, não devo nada a ninguém, nunca comprei drogas — fora uma vez, no colegial, mas foi só umas duas... ou três... ou quatro vezes, mas não seria isso. O que ele poderia querer?

E é essa questão que nos traz de volta ao cenário da minha morte. Quando me dou conta, já estou correndo. Sei que é ele. Não vi seu rosto, mas sei que é ele, pois sinto seu instinto assassino.

Corro. Corro. Corro.

Mas uma hora eu paro — meus pulmões ardem, não vou mais aguentar. Ou eu morro por falta de ar ou assassinado.

Mas.

Não.

Aguento.

Mais.

Me viro, ouvindo passos na minha direção, esperando a morte certa. O homem, cujo nome não sei e que suponho ser um *serial killer*, para na minha frente. Eu paraliso. Nos encaramos por o que parece ser uma eternidade. Então ele diz, quebrando o silêncio:

— Eu esqueci.

Franzo a testa, tremendo, enquanto ele pega minha mão e coloca uma nota alta entre meus dedos.

— Eu esqueci de te dar sua gorjeta, e saio amanhã de manhã da cidade. Obrigado pelos seus serviços — e então ele vai embora.

Simples.

Assim.

Sem perceber que meu mundo está prestes a desabar.

Caro(a) leitor(a), parece que o louco aqui não sou eu, afinal. Mas, depois de tudo isso, estou muito, muito a fim de matar alguém agora, depois de todo esse maldito sofrimento. Ainda mais pelo fato de que, por não ter morrido, terei que trabalhar amanhã...

Pequena apologia de nada

Pedro Vitor Barnabé Milanesi
Professor do curso de Psicologia

Acordei pensando na injustiça que fazemos aos vazios da vida. Certo que temos razão para temê-los e odiá-los. Porém... só isso? É injusto. Explico. Por exemplo: estamos construindo uma casa. Sempre tivemos esse desejo. — E o que é o desejo, senão caminhar para o vazio daquilo que não se tem ou é?

Estávamos planejando e imaginando como seria o quarto do Dante. É até fácil perceber que o que faz um quarto qualquer ser o quarto do Dante é dar ao quarto o Dante. É insistir em preencher o vazio do quarto com o Dante. Logo, se não há vazio, não há quarto — e nem casa.

A fome é um tipo de vazio — e, como vazio, é um ótimo tempero, já dizia Sócrates — ou foi Aristóteles? Bom, não importa. Acontece que, se alguém me disser que ama lasanha e eu lhe oferecer uma lasanha mágica que a satisfará para todo o sempre, essa pessoa deve recusar. Se for sábia, recusará. Porque amar lasanha é, sobretudo, amar a fome de lasanha!

Outro exemplo: outro dia, eu me arrumei para um compromisso. Planejei como queria estar e decidi que queria estar elegante, garboso. Para quê? No fim da história, para nada. Choveu tanto que não pude ir. Por isso, digo que planos podem ser tentativas de dar nomes e contornos de sonhos aos vazios.

Existem outros tantos exemplos: a pausa é o vazio do trabalho; a esperança é o vazio-futuro do presente difícil; a alegria é também preenchimento de vazios, quando eles nos sufocam — se não há vazio, não há alegria. Diz-se que “quem procura, acha”. Digo que esse ditado só faz sentido porque quem procura já achou seus próprios vazios... e assim por diante.

Há também quem faça poesia dos vazios e quem se ocupe deles — claro, sem ocupá-los, pois aí deixariam de ser vazios (será?). Veja o Manoel (de Barros). Ele conta que devemos amar mais o vazio do que o cheio, porque os vazios são maiores, até infinitos. E mais! Diz que tentar encher vazios é se entregar aos despropósitos; é poesia e peripécia ao mesmo tempo. Só se entende uma poesia quando se vê um vazio nela.

Não sou tolo ao dizer que os vazios são somente bons. Afinal, a saudade é ausência — por isso, o vazio da presença. Se há saudade, há vazio. A solidão é saudade aumentada, grande vazio. Ainda assim, há quem goste de ficar sozinho às vezes — e até quem sinta aquele gostinho de ter saudades. Questão de justiça.

E fico cá pensando se uma vida completamente cheia não é o mesmo que uma vida vazia (?)..



FHO

FUNDAÇÃO HERMÍNIO OMETTO